Tentativa de Interpretação do Cariri

Raimundo Girão

1 — A PROVÍNCIA DO CARIRI

Em 10 de julho de 1828 o Presidente Nunes Berford dirigiu à Câmara do Crato uma representação, em que mostrava a conveniência de criar-se a Província do Cariri Novo.

Por certo a idéia, que não teve efetivação, resultava de necessidades mais imperiosas da região, pois que o Padre José Martiniano de Alencar, onze anos mais tarde (1839), ofereceu ao Senado imperial um projeto de lei, consubstanciando o anseio daquela criação, mas igualmente sem resultado, apesar de "fortemente auxiliado por tôda a bancada cearense". O mesmo projeto entra em primeira discussão no dia 1 de Outubro, com parecer favorável da Comissão de Estatística, e, no dia 7 seguinte, em segunda, tendo sido aprovados alguns artigos. Outros dispositivos o são a 8, e fica-se aí.

Reagitou-se a lembrança em 1846, agora na Assembléia Provincial, que, por intermédio de sua mesa diretora, mandou ao mesmo Senado e à Câmara dos Deputados outra representação, datada de 14 de agôsto. Dizia-se o Legislativo cearense "convencido da conveniência e pública utilidade que nasceria de criar-se, nos sertões denominados Cariris Novos, uma província formada da parte do território desta (Ceará) e das outras que com ela confinam", e expunha os argumentos de fundamentação do pedido. Eram, entre outros, em primeira linha, "a grande distância que separa as capitais das referidas províncias dos lugares conhecidos por Cariris Novos", concorrendo para que a ação dos respectivos governos não se desenvolvesse e objetivasse com a prontidão, celeridade e energia indispensáveis, e, em segundo lugar, a necessidade de aumentar o progresso, principalmente o da

agricultura, na zona caririense, "ao que parece — conforme as palavras textuais do documento — colocado pela Providência no meio de sertões em extremo áridos para servir como fornecedor comum de víveres e tôda a casta de cereais aos numerosos habitantes da vasta porção de território, que apenas se presta à criação dos gados e às escassas plantações de legumes que nascem, crescem e frutificam no curto período das estações chuvosas".

Como terceira justificativa se explicava que na citada região aumentava prodigiosamente a população, que todos os dias cresce pela frequente imigração dos povos que para ali concorrem acossados pelos flagelos de que se vêem perseguidos da fome e da miséria nos estéreis sertões em que habitam, sendo certo, no entanto, que de envolta com a gente honesta e laboriosa os Cariris Novos têm sido inundados de centenas ou antes de milhares de vadios e malfeitores. Tudo se sanaria com a instalação da almejada Província.

Também desta feita a sugestão não pôde vencer os embaraços e decorridos dez anos, novamente emergiu fundando-se para tanto um jornal — "O Araripe" (7 de julho de 1855), do qual João Brígido foi redator-chefe. José de Alencar, o romancista, pelo "Diário do Rio" defendeu-a com interêsse sem ter podido empurrá-la para a materialização em diploma legal.

A projetada Província havia de compor-se das comarcas cearenses do Crato e dos Inhamuns, das pernambucanas de Boa Vista e Pajeú, do município de Sousa, na Paraíba, e do têrmo piauiense de Jaicós; e teria a extensão de mais de 50 léguas de L. a O., e de 120 a 130 de N. a S..

Examinada atentamente nos seus intuitos, talvez se possa afirmar que o desêjo da formação de uma entidade político-administrativa como a lembrada inicialmente pela Câmara do Crato denuncia o sentido mesmo da evolução sócio-econômico da região e os sentimentos que animavam, àquela época, a sua gente.

Antes de tudo, vê-se que os impulsos mais realistas, determinados pela situação geográfica do vale "dádiva do Araripe" e pela consciência de suas riquezas naturais e, portanto, da sua valia econômica, em contraste com os territórios sertanejos circunvizinhos — preponderam em relação aos laços mais ideais ou cívicos de amor às unidades políticas de que faziam parte as comunas indigitadas para a constituição da nova Província. Não viam mal nenhum, os que trabalhavam por esta, no separatismo que estavam alimentando, pois não é crível que homens como o Padre José Martiniano e José de Alencar o quisessem movidos por intensões anti-cearenses. E mais legítima razão para convencer da sanidade daquêle desêjo acha-se no fato de ter a própria Assembléia Legislativa do Ceará abraçado o movimento, votando a representação a que se aludiu.

Ao que acima de tudo se visava era particularmente a objetivação dos benefícios da região, colimando-se no obtê-lo, em última análise, tão só os altos interêsses nacionais. Seria a nova Província mais um filho quanto ao Brasil e mais um irmão junto às demais que o integravam.

Concordamos com que esta nossa conclusão se modifique em face de contra-argumentos, mas o que se apresenta incontestável é que o projeto de criação da Província dos Cariris Novos, pelo menos quanto ao Cariri cearense, tem a sua etiologia no processo evolutivo do povo aí habitante, considerado o estágio social do tempo da sugestão, ou seja, a primeira metade do século anterior e comêço da segunda.

2 — A FORMAÇÃO SOCIAL DIFÍCIL

A representação de 1846 deixa claro o fenômeno do deslocamento de populações vizinhas atraídas pelos privilégios geográficos do vale, no meio delas milhares de vadios e malfeitores, afeitos à prática de "furtos, de roubos, de assassínios e em geral de todos os crimes praticados pelos perversos". Gerou-se dêstes o tipo conhecido e comentado do *cabra,* sôbre cuja periculosidade o insuspeito escritor Irineu Pinheiro destaca a concordância dos conceitos do cientista inglês George Gardner, que em viagem de estudos atravessou o Ceará em 1838, e do Comandante das Armas Tomaz Antônio da Silveira, que esteve no sul da Província com a tarefa de pôr ordem nos rebeldes do caudilho Pinto Madeira e do seu fogoso aliado o Padre Benze-cacetes. Ressaltavam ambos, cada qual a seu modo e no seu tempo, as turbulências e tunantarias da cabralhada e a urgência de um corretivo à sua ação intranquilizadora.

Antônio Bezerra escreveu, confirmativamente, que os antigos povoadores do Cariri, na sua generalidade, eram de caráter insubmisso e de más entranhas, e até bem pouco tempo o número sem conta das cruzes plantadas pelas estradas e veredas indicando sepulturas e assassinatos à traição, mostra perfeitamente a índole daquela gente. "Cabras de cacho na testa, não precisa perguntar, é cangaceiro afeito ao assassínio".

Fazia, com efeito, o maior desassossêgo da gente boa e morigerada essa cáfila de adventícios maus, e aí está a primeira causa da luta pela nova província, capaz de proporcionar medidas judiciais e policiais coatoras. Um *imperativo de segurança e paz,* diga-se claramente.

Por outro lado — e é também a representação da Assembléia que o salienta — a feracidade do vale, que devia propiciar melhores meios de felicidade material ao seu conjunto humano, não alcançava maior desenvolvimento, porque os governos se achavam longe, no outro lado do território e, por isso, dada a pobreza financeira, não podiam ajudá-lo. Na linguagem do documento: "A grande distância

que separa as capitais das referidas providências... faz com que a ação governativa dos Presidentes das diversas províncias não seja ali desenvolvida e posta em execução com a prontidão, celeridade e energia indispensáveis". A par da tranquilidade geral e da individual, porfiava-se por atos oficiais que levantassem o nível do comércio, principalmente o da agricultura naquele trecho do "hinterland", pôsto por Deus, como dissera a representação, para abastecer e suprir os sertões limítrofes. *Imperativo econômico-social,* não é preciso insistir.

Interpretado, dêsse modo, o fator do estabelecimento da Província, de todo isento de preconceito bairrista, convém indagar como se comportou o isolado Cariri no tocante à sua própria luta existencial e à sua contribuição ao Ceará, até os dias atuais.

Sem pretender ligar aquela tendência turbulenta da gentalha cabroeira aos pendores que caracterizavam os primitivos ocupantes do vale, isto é, os índios cariris, para uns falsos e velhacos e para outros taciturnos e infiéis, mas tenazes da defesa do seu solo, — é, todavia, explicável terem ficado na psicologia do povo que sucedeu à indiada certos complexos de prevenção e insatisfação, relativamente à gente do litoral, especialmente os dirigentes da Colônia, depois Província, em virtude das injustiças de que se acreditava vítima, decorrentes da falta, por parte dêles, de estímulo, proteção e auxílio concreto.

Passou, por isso mesmo, o Cariri a retrai-se dentro de si próprio, construindo a própria ventura, confiado só nas suas fôrças morais, cioso e ufano da terra dadivosa, a ponto de não querer considerar-se *sertão,* nome, ao seu parecer, aplicável aos do além-vale estéril e quase sempre sêco.

Tem possivelmente essa causalidade o orgulho nativista dos caririenses que, na história do Ceará, exsurge não poucas vezes em páginas épicas, de que são significativos exemplos as revoluções de 1817, 1824 e 1832. Na primeira os ímpetos autonomistas têm veículo no desassombro do seminarista José Martiniano, na segunda em Tristão de Alencar e Pereira Filgueiras, e na última em Pinto Madeira e no Padre Antônio Manuel de Sousa.

Talvez se haja sublimado o sentido de tal nativismo local na vitória, aliás efêmera, da Confederação do Equador, quando os soldados do Araripe marcharam até o mar para derribar, como fizeram, o govêrno na sua opinião mal constituído. Outra vez o fariam em 1914, saindo êles do Juazeiro para desmontar em Fortaleza o govêrno do Cel. Franco Rabelo. Em ambos êstes cometimentos se aproveitava aquêle mesmo fator de desordem — o *cabra,* agora o *romeiro,* obediente aos seus cabecilhas, a despeito de sua intrínseca indisciplina e ausência de adequada preparação moral.

Continuava a dadivosidade do vale, com as suas circunjacências, a enchê-lo de efectivo humano cada vez mais denso e que deu margem no extremo sul do Estado a uma concentração demográfica de alta intensidade, menor, é certo, do que a do chamado "triângulo de For-

taleza", mas superior à da Ibiapaba e seus pequenos vales sertanejos adjuntos, como bem consignam os estudos do Dr. Pompeu Sobrinho. Essa densidade é em Fortaleza 66, no Cariri 32 e na Serra Grande 24. Em números relativos pode dizer-se que a primeira de tais concentrações contém 17,5% da população do Ceará, a caririense, 15,6% e a outra 12%.

Ficou o vale ubertoso com a sua economia baseada no conjunto das produções agrícolas, aos poucos fragmentadas pelas sucessões hereditárias, sem latifundios, antes com a floração de inúmeros pequenos ricos, donos de sítios no brejo e nas quebradas de serra, cada dia mais valorizados. "Dada a considerável divisão do solo, nunca um só indivíduo acumulou grandes haveres mas, em compensação, sempre dominou até hoje certa abastança generalizada, que se desconhece em outras regiões do Estado" — escreve o citado Irineu Pinheiro.

A classe menos favorecida inclinou-se à pequena indústria, um artesanato que já tem fama longínqua, mas gradativamente diminui, porque não pode enfrentar a penetração barata da matéria plástica e do alumínio, saídos da indústria nacional e da estrangeira.

A formação psico-social do caririense havia dado ao Cariri, por várias circunstâncias, uma religiosidade mais profunda, que a ignorância fêz descer ao misticismo. Como bem observa Joaquim Alves, "o abandono do homem em um meio hostil, sem contar com outro auxílio que não a Divina Providência, não podia deixar de produzir o que realmente produziu: o misticismo do homem rural".

A exacerbação religiosa teve o seu vértice na aglomeração dêmica do Juazeiro, em tôrno do Padre Cícero Romão, que é o seu grande místico representativo. Em nenhum outro ponto do Ceará isso se gerou, pois que a religiosidade de Canindé é tipicamente adventícia, é exógena.

3 — PREDOMINÂNCIA DO SENTIDO POLÍTICO

Já nessa altura é de tirar-se uma conclusão. O Cariri representa região de fisionomia absolutamente peculiar: geograficamente, econômicamente e socialmente, num quase enquistamento no organismo cearense.

E vamos completar a verdade sociologica: é também inconfundível a sua fácies política, tomado o têrmo na significação vernácula. Os acontecimentos desta ordem revestiram muito maior consistência que alhures, considerando-se que os vários municípios seus integradores desde os começos do século passado como que se aglutinam e unem para apresentar uma expressão comum, uma espécie de todo inseparável, no qual sempre se destacam, alarmantemente, mortíferas lutas de chefes políticos a mão armada. Filgueiras é o admirável *condottieri* do princípio, como Floro Bartolomeu o do fim dêsse período fervente de batalhas partidárias.

A evolução humana do Cariri mostra que tais batalhas são o seu acento, o seu cunho, e é por êsse motivo que em vez de ser mais cultural a contribuição da zona sul ao Ceará, ela é pronunciadamente política. Notáveis homens dêste estofo êle lh'o deu, inclusive o mais autorizado dos estadistas cearenses — o Senador Alencar, de nascimento barbalhense. As crônicas da nossa história não nos dão conta de fundamentais e sérios movimentos de regeneração política, senão meras insubmissões, militares ou populares, de todo epsódicas, nas outras regiões do Ceará.

É flagrante e, à primeira vista até desconcertante, a ausência de filhos da gleba caririense no terreno pròpriamente cultural — seja o científico, seja o literário.

Clóvis Bevilaqua e Farias Brito são da Ibiapaba; Moura Brasil, da vila de Iracema, a antiga Caixassó; o Visconde de Sabóia, de Sobral; Capistrano de Abreu, de Maranguape; José de Alencar, de Messejana; Oto Alencar, Alberto Nepomuceno, o Barão de Studart, Araripe Júnior, de Fortaleza; Franklin Távora, de Baturité; o Senador Pompeu e o Senador Catunda; de S. Quitéria; Justiniano de Serpa, de Aquiraz.

De Fortaleza também são Rodolfo Teófilo, Tomaz Pompeu, Paulino Nogueira, Juvenal Galeno, Oliveira Paiva, José Albano Filho, Paula Nei, Pompeu Sobrinho, Gustavo Barroso, Hildebrando Acióli, Leão de Vasconcelos, Carlos Studart Filho, Martins de Aguiar, Clóvis Monteiro, Herman Lima, Mário Linhares. De Sobral, Domingos Olimpio e o Padre José Antônio Ibiapina; de Quixeramobim, Antônio Bezerra; de Aracati, Adolfo Caminha e Beni Carvalho; de Paracuru, Antônio Sales; de Pedra Branca, Leonardo Mota; do Trairi, Alvaro Martins.

Jáder de Carvalho e Raquel de Queirós são quixadaenses, como Matos Peixoto, Eliazar de Carvalho e Fran Martins, iguatuenses; Raimundo da Rocha Lima, Djacir de Meneses, Cândido Jucá e Antônio Augusto de Vasconcelos, maranguapenses. De Canindé é Cruz Filho; de Granja, Lívio Barrêto; de Acaraú, o Padre Antônio Tomaz; do Icó, o Conselheiro Tristão de Alencar e Heráclito Graça; de Baturité, Waldemar Falcão e Júlio Maciel; de Tauá, Fausto Barreto e João Filipe Pereira. Filgueiras Lima, nasceu em Lavras da Mangabeira, ainda sertão; Américo Facó, nas praias de Beberibe.

Dos grandes generais da terra, Tibúrcio é de Viçosa e Sampaio de Tamboril; e dos bispos nascidos no Ceará apenas um — D. Joaquim de Melo, abriu a primeira vez os olhos para o horizonte elevado da Araripe.

Não se vá pensar, com esta enumeração, que estejam realmente referidos todos os crachás vistosos com que a terra de Martim Soares se apresenta, vaidosa, nas festas da cultura brasileira. Não passa de uma exemplificação. E também não se vá dizer que na argila caririense não tenham sido enterrados inúmeros fios umbilicais de cidadãos

ilustres nas letras, ciências e armas. Pelo contrário, é crivado de pontos o mapa de distribuição da cultura mental do Cariri. Mas, como a divisão miúda da economia, essa mesma cultura igualmente ficou logo nivelada, sem grandes alturas, pelo menos com a ressonância que se pudesse emparelhar ao vozerio que se fêz, aliás legítimamente, em redor daqueles nomes crachás. Não entraram para as antologias, como entraram êstes. Por que, então?

4 — A VITÓRIA CONTRA O PASSADO

Aqui parece falharem as deduções do interpretador, ou, por ventura, tem êle receio de atingir milindres. Hão de contrapor-lhe que o Cariri, com as suas cidades intimamente ajustadas umas às outras, sem distâncias entre si, estruturam, depois da Capital, o mais vivo centro de atividades intelectuais do Estado — e é verdade. A ciência e o saber geral são familiares, naquele encantador recanto cearense, a grande porção dos que nele vivem. A instrução, no Cariri, é coisa hoje generalizada como a penicilina. Entusiasma sentí-la de perto. Se não em extensão, porém em profundidade, sabe-se ali tanto quanto em Fortaleza. Estuda-se, escreve-se, todos bem atualizados nos conhecimentos modernos.

Mas — vamos aceitar francamente — dessa tão sólida nivelação não têm batido as asas dos grandes vôos senão poucos. Tenho medo de citar alguns que conheço, porém não vejo que sejam tantos como era de esperar.

Neste ponto o exegeta volta a si para dizer, lealmente, que não há humilhação nisso, e sem mais demora relembra como se processou a civilização do vale, em círculo muito fechado, os senhores de engenho preocupados demais com a sua agricultação, interessando nela os filhos mais do que mandando educá-los fóra, convencidos de que não o era fácil, por fôrça das léguas. Os quilômetros, quando se estiram demasiadamente, matam muitas ilusões e muitos propósitos. Melhor, em vista disso, era compensarem-se econômicamente com o que lhes oferecia a sua base territorial — o chão fértil e molhado.

Com o tempo tudo veio melhorando, vieram chegando as escolas e os professores e o saber acabou por democratizar-se. Irineu Pinheiro informa no seu tão imprescindível livro "O Cariri", que nos climas araripenses escassearam os bacharéis, até muito tempo, porque preferiam êles arranhar o litoral, a jeito o caranguejo, na conhecida expressão de Frei Vicente do Salvador.

E a falta de bacharéis... nem sempre prejudica, diga-o eu que sou um deles. Sem ir a ponto de concordar com que a bacharelice é, em geral, causa de prejuizos, aceito que em muitos casos não é um bem.

Escuse-se o bacharel com a verdade de que muita gente, que não êle, faz bacharelice, com a cabeça aos ventos do teorismo divagante que nada constrói de seguro.

O fato é que o encaramujamento do Cariri sòmente lhe foi útil. Aprendeu, por esfôrço seu quase exclusivo, a orientar-se, educar-se, realizar, firmar a sua personalidade. Vale de riquezas físicas, também o ficou de belezas psicológicas. Sente-se, só ao chegar, que encerra uma dominante psicologia: no panorama, no homem e em tudo o que êste construiu.

Edificante, admirável é ver como êsse conjunto de harmonias que retratam o Cariri de hoje tenha conseguido sair, como planta vigorosa nascida de paul, do Cariri de antes de 1860, de estalão moral claudicante e estalão intelectual deficiente, descrito por Irineu Pinheiro, com a sua serenidade de historiador imparcial. E êle aponta como fatores principais da ascenção moral a vinda de famílias educadas do Icó, emigradas pelo declínio da Princêsa do Salgado, como empório comercial e cujos bons hábitos frutificaram; e a fundação dos Seminários de Fortaleza e do Crato, que facilitou, como estímulos novos e diferentes, o aproveitamento de muitos rapazes, assim como a do Colégio da Imaculada Conceição, na Capital, ensejara o aprimoramento educacional das moças.

Êsses fatores fizeram germinar, por certo, a nova vida espiritual do caririense, calcando aos pés as hidras do seu passado de fanatismos e cangaços, que o fizeram tristemente célebre. Mas além deles há de ter influído para a majestosa vitória a reserva de qualidades mais fortes e puras que lhe eram e são imanentes, fôrças ou energias que salvam e reabilitam, através das idades quantos povos que, de bárbaros e brutos, se transformaram à custa especialmente delas, em nações e Estados cheios de fé, de justiça e liberdade.

Do nosso Brasil mesmo sabe-se que a sua civilização começou com a escória dos degradados de Portugal e, embora se procure justificar que tais criminosos o eram só políticos, em verdade no meio de tantos vinha a mistura de malfeitores iguais àqueles que, tunantes e perversos, povoaram, ao lado da gente sã, as origens do Cariri. E do mesmo modo se sabe que essa civilização se consolidou, depois, a trôco da fereza dos bandeirantes, algozes desapiedados do pobre gentio aos seus golpes trucidado, ou metido nos grilhões.

Toda a América foi feita assim e só esta afirmação nos deve tranquilizar. E foram diferentes os povos antigos da Europa, hunos, celtas, germanos, eslavos e quantos outros?

O que importa mais é saber o que somos. E se os nossos triunfos têm o lastro dos empecilhos derrubados pela nossa coragem mesma, mais razão há para orgulhamo-nos.

A harmoniosa vitória do Cariri contra o seu passado difícil é o seu maior elogio.